

Ricardo Líper

**Os
Fundamentos do
Sexo Espartano**

Edições RCP

Este livro é um resumo, com alguns acréscimos, das idéias que estão publicadas em *Sexo entre Homens e a Tradição Espartana*, do mesmo autor.

Ele lhe permite conhecer fatos rigorosamente científicos que lhe darão condições de entender porque muitas pessoas fazem sexo com o mesmo sexo. Além disso, dá elementos para que quem se relaciona com o mesmo sexo tenha certeza do que faz.

Você pode citar e divulgar livremente as idéias que aqui estão expostas, desde que cite o nome do livro e o autor.

1 - O Que a Ciência Diz

O ser humano não tem estro (*cio*) e possui um córtex cerebral muito desenvolvido que o dota de imaginação. Por isso o homem nasce indeterminado sexualmente. Isto é, o homem chega ao orgasmo com muitas coisas: masturbação, animais, vegetais, objetos, mulheres e outros homens.

Não há evidência científica de que temos capacidade de perceber feromônios, como ocorre com inúmeras espécies animais que têm estro. Nós sabemos que não sentimos o cheiro ou qualquer outro tipo de estímulo específico vindo da fêmea quando ela está ovulando, para *cobri-la*, como ocorre com os animais irracionais. Todas as pesquisas a respeito da possibilidade de o homem ter estro não foram conclusivas.

Feromônios são sinais químicos que foram, primeiramente, estudados em insetos. O termo tem origem grega. *Pherein* significa carregar e *horman*, excitar, estimular. A ação dos feromônios entre os animais difere dos hormônios. Enquanto os hormônios atuam dentro do nosso organismo agindo sobre o metabolismo, os feromônios agem fora do organismo dos animais, exercendo influência sobre o comportamento de indivíduos da mesma espécie.

Foi Henri Fabre (1823-1915) quem primeiro pesquisou a influência de odores no comportamento de seres vivos. Ele estudou uma espécie de mariposa (*Lasiocampa quercus*). Envolveu as fêmeas em um número muito grande de odores. Mesmo assim, os machos conseguiram chegar até elas atraídos por um poderoso componente químico que depois se soube tratar-se de feromônios.

Em 1956, uma equipe de pesquisadores alemães, trabalharam vinte anos para isolar o primeiro feromônio. Para isso, estudaram a mariposa do bicho-da-seda. Retiraram do abdômen de 500.000 mariposas uma curiosa mistura. Testaram e ficou provado que era essa substância, que foi chamada de feromônio, que provocava o acasalamento.

Em 1703, Frederick Ruysch (1638-1731), professor de anatomia em Leyden e Amsterdam, pensou ter descoberto no homem, o vomer situado no nariz. O suposto vomeronasal comunica-se com o canal nasopalatino diferente dos receptores olfativos normais. O vomeronasal (OVN) é o órgão que, nos animais, detecta feromônios. Alguns especialistas acreditam que Ruysch descobriu o OVN humano. Já outros, que o órgão não existe no homem ou é apenas um vestígio. O que o cirurgião e professor de anatomia do século XVIII pensou ter descoberto são duas pequenas bolsas de 2 mm, disse 2 mm, de profundidade, a 1 cm a partir do nariz. Abrem-se em pequenas cavidades ocas com pequenos orifícios, de apenas 0,1 mm de distância. A diferença desse órgão humano, proporcionalmente ao nosso corpo, comparado com os dos outros animais, também proporcionalmente ao corpo deles, é muito grande. O do elefante por exemplo, tem 20 a 25 cm de comprimento.

Se de fato esse órgão é o que sobrou do OVN nos humanos, ele é minúsculo comparado com os dos outros animais.

Portanto, não existe nenhuma prova científica para se afirmar que, mesmo de forma sutil, inconsciente ou rudimentar, o homem perceberia feromônios ou os produziria.

Uma das mais recentes pesquisas científicas sobre o estro e os feromônios em seres humanos foi efetuada por Catherine Dulac, professora de biologia celular e molecular da Universidade de Harvard e por Emily Liman e David Corey, que são professores de neurobiologia celular e molecular na Harvard Medical School. Todos os três trabalharam em Harvard e no Massachusetts Hospital, em Boston. Eles descobriram, em ratos, um gene que fabrica moléculas captadoras de feromônios, que atuam no nariz. Descobriram também que ele existe no homem mas, entre nós, está desativado. Portanto o vomeronasal (órgão que percebe feromônios), se é que realmente existe em seres humanos, é muito pequeno e está geneticamente desativado.

Catherine Dulac descobriu que camundongos machos, que foram geneticamente alterados para não perceberem os feromônios, tentam se acasalar com outros machos em vez de atacá-los, como de costume. Essa descoberta é importante. Se com camundongos, que não possuem imaginação como nós, ocorre isso, imagine o

que pode ocorrer com os seres humanos, cuja principal característica sexual é não possuir estro?

Não existe nenhuma evidência consistente, na nossa espécie, dessa peculiaridade comum a muitos animais, que é produzir e perceber feromônios. O homem, de fato, não tem estro (cio).

Muitos outros cientistas afirmam que não produzimos nem percebemos feromônios.

Entre esses cientistas estão Dr. Ricardo Meirelles, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabiologia, que declarou: “O problema é que ainda não foi possível isolar no organismo humano uma substância com as características do feromônio”.¹

Tudo indica, portanto, que a nossa espécie não detecta feromônios e nem os produz. Como, aliás, todos nós sabemos, porque não temos nenhuma consciência da ovulação das mulheres à nossa volta. Os nossos desejos sexuais não são ativados por nenhum elemento químico percebido através de um suposto órgão que teríamos próximo ao nariz. No homem, o olhar e o tato são os sentidos mais usados para provocar a excitação sexual, não o nariz.

Especulações, charlatanismo de produtores de perfumes, supostas pesquisas sensacionalistas, nunca encontraram, de fato, um feromônio produzido pelo homem e nunca demonstraram que ele é percebido e influencia o comportamento de quem o percebe. De forma rigorosa, isto nunca foi provado.

Jared Diamond é um conceituado cientista, membro da National Academy of Sciences. É também autor de um livro, *Third Chimpanzee*, que ganhou o Great Britain Science Book Prize (Prêmio do Livro Científico da Grã-Bretanha). É especialista em fisiologia e biologia evolutiva e professor de fisiologia da UCLA Medical School. Ele escreveu o seguinte:

“A ovulação humana é oculta em vez de anunciada. Isto é, o breve período de fertilidade da mulher, por volta da época da ovulação, é difícil de ser detectado, seja pelos parceiros sexuais em potencial, seja pela

¹ MEIRELLES, Ricardo. Declaração ao Jornal do Brasil no artigo *Hormônio que Seduz*, 07/04/2002.

própria mulher. A receptividade sexual da mulher se estende além da época fértil, englobando todo ou quase todo o ciclo menstrual. Portanto, a maioria das cópulas humanas ocorre numa época inadequada para concepção, ou seja, o sexo entre seres humanos é quase sempre uma diversão, sem fins de inseminação”². (Grifo do autor).

Mais adiante, incisivamente, nos diz:

“Consideramos grotescas as fêmeas dos babuínos com traseiros vermelhos. Mas, na verdade, nós, seres humanos, com nossas ovulações dificilmente detectáveis, é que fazemos parte de uma pequena minoria no mundo animal. Os homens não têm meios confiáveis para detectar quando sua parceira pode ser fertilizada, nem as mulheres nas sociedades tradicionais. Concordo que muitas delas têm dores-de-cabeça e outras sensações por volta da metade de seus ciclos menstruais. Entretanto, elas não saberiam que essas sensações são sinais de ovulações se os cientistas não lhes tivessem dito – e, até os cientistas, só descobriram isso lá por volta de 1930. Da mesma forma, as mulheres podem *aprender* a detectar a ovulação monitorando a temperatura ou o mucovaginal, mas isso é muito diferente do conhecimento instintivo que as fêmeas dos outros animais possuem. Se também tivéssemos esse conhecimento instintivo, a indústria de kits para teste de ovulação e anticoncepcionais não estaria prosperando tanto.

“Somos estranhos também em nossa prática quase contínua de sexo, comportamento que é uma consequência direta de nossas ovulações ocultas. A maioria das outras espécies animais limita o sexo a um breve período de estro por volta da época anunciada da ovulação. (O nome *estro* deriva da palavra grega para “moscardo”, um inseto que atormenta a cabeça do gado, deixando-o enlouquecido.) Em estro, a fêmea dos babuínos

² DIAMOND, Jared. *Por que Sexo é Divertido? A Evolução da Sexualidade Humana..* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999. P. 14.

sai de um mês de abstinência sexual para copular até cem vezes, enquanto que a fêmea do macaco barbary faz isso em média a cada 17 minutos, distribuindo seus favores pelo menos uma vez a cada macho adulto de seu grupo. Os casais monogâmicos de gibões passam vários anos sem sexo, até que a fêmea desmama o bebê mais recente e entra de novo em estro. Os gibões entram mais uma vez em estro assim que a fêmea fica grávida.

“Nós, seres humanos, entretanto, praticamos sexo, independentemente do dia do ciclo do estro. As mulheres o solicitam em qualquer dia e os homens o fazem sem querer saber se a parceira está fértil ou ovulando. Depois de décadas de pesquisas científicas, ainda não se tem certeza quanto ao estágio do ciclo no qual uma mulher fica mais interessada nas investidas sexuais masculinas – se realmente o interesse dela denota alguma variação cíclica. Portanto, a maioria das cópulas humanas envolve mulheres que são incapazes de conceber naquele momento. Não só fazemos sexo no momento “errado” do ciclo, mas continuamos a fazer sexo durante a gravidez e depois da menopausa, quando temos certeza de que a fertilização é impossível. Muitos de meus amigos na Nova Guiné se sentem obrigados a ter relações sexuais até o final da gravidez, porque acreditam que as repetidas infusões de sêmen fornecem o material para formar o corpo do feto.

“O sexo humano parece mesmo um desperdício monumental de esforço visto por uma perspectiva “biológica” – se seguirmos o dogma católico que equaciona a função biológica do sexo com a fertilização. Por que as mulheres não revelam sinais ovulatórios nítidos, como a maioria das outras fêmeas, para podermos limitar o sexo aos momentos em que ele nos traria algo de mais vantajoso?”³ (Grifos do autor)

Mais adiante pondera:

³ DIAMOND, Jared. Op. Cit., p. 65 - 66.

“Uma vez que nós, seres humanos, somos únicos em nosso ocultamento da ovulação, na constante receptividade e no sexo como diversão, isto só pode ser porque evoluímos para ser assim. É um grande paradoxo o fato de que as fêmeas do Homo Sapiens, espécie única em sua autoconsciência, não saibam quando ocorre sua própria ovulação, ao contrário das fêmeas de animais tão bobos como as vacas.”⁴ (Grifo do autor).

E encerra o assunto quando diz:

“Junto com a postura e o tamanho do cérebro, a sexualidade completa a tríade dos aspectos decisivos em que os ancestrais dos seres humanos e dos grandes macacos divergiram.”⁵ (Grifo do autor).

“Nossos padrões de conduta sexual são especialmente deformados, “especieístas” e centralizados no ser humano porque a sexualidade humana é muito anormal segundo os padrões dos outros trinta milhões de espécies de animais existentes no mundo. É também anormal pelos padrões de milhões de espécies de plantas, fungos e micróbios do planeta, mas vou ignorar essa perspectiva mais ampla porque ainda não superei meu próprio zoocentrismo.”⁶

Chamo atenção para que esses dois fatos, não termos estro e possuímos um córtex cerebral muito desenvolvido, são biológicos e a essência sexual da espécie humana.

2 - Não existem provas científicas, de fato, de que genes, hormônios pré ou pós natais, fatores psicológicos e outras suposições, que vez por outra aparecem com

⁴ DIAMOND, Jared. Op. Cit., p. 67.

⁵ DIAMOND, Jared. Op. Cit., p. 18.

⁶ DIAMOND, Jared. Op. Cit., p. 11 - 12.

alarde na imprensa, interferem na escolha do sexo de parceiros sexuais entre seres humanos.

3 - A evolução nos fez sem estro (cio) e com muita imaginação. Quem faz sexo com o mesmo sexo apenas explicita esses fatos. Quer dizer explicita fatos biológicos da nossa espécie e não de indivíduos em particular como quer nos sugerir, por equívocos epistemológicos, alguns supostos cientistas.

É por essa razão que quando um homem faz sexo com outro e não se reprime ou se envergonha, sente prazer e procura repeti-lo. Repetir o que nos dá prazer é uma reação natural do nosso organismo. Por isso termina tornando-se um gosto exclusivo.

O psicanalista dinamarquês Thorkil Vanggaard, autor de *Phallós: A Symbol and Its History in The Male World*, chegou a afirmar que todo homem, independente do que acredita que gosta sexualmente ou de quem leva para cama, tem um *radical* que o faz gostar do mesmo sexo.

Portanto, o problema, na nossa espécie, não é quem faz sexo com o mesmo sexo, mas quem não faz.

Entretanto, a ideologia natalista, que prega a reprodução em massa dos seres humanos, inverteu os fatos. Passou a procurar uma suposta causa, além da obviedade do prazer obtido, para explicar a ocorrência do sexo entre pessoas do mesmo sexo.

Ela comete esse equívoco porque acha que na relação sexual entre sexos diferentes, não se precisa procurar a causa porque ela seria, *a priori*, natural. Supostamente estaria incluída numa lei mais ampla da natureza que seria a reprodução das espécies. Entretanto, justificar como natural o sexo entre pessoas de sexos diferentes porque reproduz a espécie é uma interpretação tomista da natureza e da sexualidade. Foi o santo católico medieval Tomás de Aquino (1225-1274) que chamou de *pecados contra a natureza* toda atividade sexual que *desperdiçasse*, em um *vaso indevido*, o sêmen. Ele chamava a vagina de *vaso natural*. Segundo ele, esses pecados iriam contra a vontade de Deus, que teria criado a natureza e estabeleceu que a razão de ser das relações sexuais era a reprodução da espécie.

Essa teoria tomista tornou-se um dogma sexual da cultura judaico-cristã e, até hoje, está por trás de todas as teorias da sexualidade indo da genética à psicanálise. O

dogma é que o sexo existe para reproduzir a espécie. É uma norma. Os cientistas influenciados pelo tomismo substituíram os *pecados contra a natureza* de Tomás de Aquino por *desvio, inversão* ou *perversão sexual*. Só que essa norma, em se tratando de seres humanos, não é uma realidade, mas um equívoco. Não é científica. É ingênua, semelhante ao que pensa o senso comum: homem nasce para gostar de mulher e mulher de homem, *porque é o natural. Deus os criou assim.*

Entre seres humanos, a inexistência do estro, associada ao grande desenvolvimento do córtex cerebral, dota a nossa espécie de autonomia em relação à reprodução. À medida que os animais evoluem na escala biológica, essa autonomia é observada, chegando ao desenvolvimento máximo no homem. O equívoco dessas pesquisas e da ideologia natalista é que os homens não nascem desejando o sexo oposto porque não têm estro nem nada que o substitua. Cientistas já tentaram contrariar a natureza esgrimindo argumentos como “genes”, “partes do cérebro menores”, “hormônios pré-natais desregulados”, “complexo de Édipo não-resolvido” etc. Ao final, a ciência chegou ao que é notório: homens nascem querendo sentir prazer sexual, não lhes importando muito com o quê, porque, além de não terem estro, possuem o córtex cerebral muito desenvolvido, que lhes permite ter muita imaginação. Eles não sabem, quando são crianças, que só as meninas, que não são suas irmãs, são os objetos sexuais considerados corretos pela sociedade. Quando elas ovulam, eles não percebem pela cavidade nasal, como ocorre com outros animais em relação às fêmeas de sua espécie. Guiam-se pelo olhar e o tato e não pelo nariz para procurar satisfação sexual. Assim sendo, homens procuram chegar ao orgasmo com quase tudo que encontram pela frente, que possua formas adaptáveis à satisfação sexual. De galinhas e bananeiras até os outros meninos, tudo serve.

Ford e Beach observaram que 50% dos meninos criados em fazendas participam de atividades sexuais com outras espécies e 17% desse grupo, alcançam o orgasmo durante a relação. Referindo-se ao sexo com animais e analisando a disfunção erétil de seus pacientes, Jorge Sabaneeff, professor de urologia da Faculdade de Medicina de Campos e médico do Hospital Cardoso Fontes, do Rio de Janeiro, declarou: “Eu já tive pacientes que vieram do interior, já haviam mantido

relações sexuais com animais e que só relatavam dificuldades quando estavam com mulheres”.⁷

A nossa sexualidade é totalmente diferente do resto da natureza. Se o homem não for programado e pressionado pela sociedade para se reproduzir, o que lhe der mais prazer o *vicia* e, portanto, vai procurar com mais freqüência ou até com exclusividade.

O sexo com o mesmo sexo tem mostrado ter um potencial muito grande de *viciar* os homens devido ao prazer que provoca e a identidade que surge entre eles quando se permitem praticá-lo. Este fato ocorre porque a semelhança física e serem do mesmo gênero são notados pelo nosso córtex cerebral que, sendo muito desenvolvido, imagina possibilidades de prazer erótico a partir dessa semelhança. Inicialmente, o homem percebe que mãos, bocas, nádegas e órgãos genitais de outros homens podem servir para lhe proporcionar prazer sexual, principalmente, se eles são jovens maiores de 18 anos e bonitos. É comum ocorrer essa percepção na infância, mas pode acontecer também quando os homens estão bêbados ou isolados. Se vencerem os preconceitos, vão perceber que os corpos e órgãos genitais semelhantes aos seus funcionam como um poderoso estímulo sexual em um organismo dotado de inteligência e imaginação como o nosso. As possibilidades de jogos sexuais a partir daí excitam sua curiosidade e desencadeiam sensações eróticas.

“Animais abaixo do nível dos primatas respondem ao controle interno dos hormônios, mostrando excitação reprodutora regular e periódica, com machos estimulados pelo estro das fêmeas. Todavia, se não houver um membro do sexo oposto da mesma espécie animal, então o animal, uma vez estimulado sexualmente, terá um comportamento copulatório semelhante ao ato sexual, e tentará com bastante habilidade formas de auto-estimulação (Ford & Beach, 1951). À medida que se vai subindo na árvore evolutiva, torna-se sempre mais evidente a autonomia de determinantes hormonais internos. À medida que o córtex evolui mais e exerce maior controle, vai surgindo gradual separação do impulso sexual e

⁷ *Psique. Ciência & Vida*. N.1 ISSB 1809-0796.: Editora Scala. p. 49.

das funções meramente reprodutoras (Rosenzweig, 1973). Assim, entre os símios, uma fêmea pode mostrar-se receptiva a investidas sexuais, mesmo que não esteja no cio. Mesmo quando não excitada hormonalmente, uma fêmea pode mostrar-se seletiva quanto aos machos que anima. No ponto alto do cio, pode negar-se a qualquer macho que se aproxime. Os machos dos macacos, mesmo quando excitados pelo estro, podem procurar um desafogo sexual em fêmeas desinteressadas, em outros machos ou na masturbação. Demonstram grande variedade de jogos sexuais não diretamente visando a reprodução (Beach, 1958).”

Mais adiante.

"Essa evidência de correlação entre o desenvolvimento do córtex e a crescente autonomia do impulso sexual em face de uma atividade especificamente reprodutora leva alguns pensadores a crer que, na espécie humana, a presença corporal no mundo transcendeu a facticidade da dicotomia macho-fêmea (Brow, 1966; Marcuse, 1956, Watts, 1958). Alguns fenomenólogos diriam que os seres com sua consciência se elevam desse modo acima de seus "dados" bioquímicos e anatômicos e reestruturam sua sexualidade em forma altamente pessoal, por exemplo, a de "ser para os outros" (Merleau-Ponty, 1962). Em seres humanos, o impulso sexual como tal não é mais meramente um cego impulso à união dos sexos para que a insuficiência de cada um seja mutuamente completada como o exige a condição biológica para a reprodução. É antes um impulso para o encontro pessoal, um sair da solidão para a "comunhão" de vidas".⁸ (Grifo do autor).

Portanto o sexo com o mesmo sexo é uma consequência direta das especificidades da nossa estrutura biológica e da evolução da nossa espécie.

⁸ KOSNIK, Anthony. Coordenado por, *A Sexualidade Humana*. Petrópolis: Editora Vozes, 1982, pp. 84 - 85.

A hipótese de existir uma necessidade biológica inconsciente nas espécies, de lançar os genes para o futuro, através da descendência, não foi provada cientificamente. Cláudio Tognolli, no seu livro *A Falácia Genética (a ideologia do DNA na imprensa)*, que é sua tese de doutorado na Universidade de São Paulo, mostra que essa hipótese é uma interpretação metafísica da natureza semelhante às idéias de Schopenhauer.

4 – Diante desses fatos biológicos referentes à espécie humana é forçoso se concluir que quem não faz sexo com o mesmo sexo é porque, sendo mais susceptível, foi programado (pressionado) pela sociedade para não fazê-lo.

Chega-se a essa conclusão porque, em um ser sem estro e com muita imaginação, o natural e esperado seria que o sexo com o mesmo sexo ocorresse com muita freqüência. E, de fato, ocorreu em civilizações diferentes da nossa e acontece em todo mundo quando os homens têm mais oportunidade de fazê-lo porque estão muito juntos, em navios, prisões, quando embriagados ou, se jovens e bonitos, querem ganhar dinheiro. Não devemos negligenciar também o fato de que em sociedades repressivas a todos os prazeres sexuais que não reproduzem a espécie, os amores platônicos entre homens tornam-se freqüentes. Eles costumam camuflar os desejos eróticos recíprocos transformando-os em amizade. Podem não ocorrer carícias físicas, mas ocorrem carícias não-físicas, que é o que chamamos de amor ou *chamego*.

Entretanto, é através do sexo entre pessoas de sexos diferentes que nascem crianças e crianças se transformam em mão-de-obra, que é um fator fundamental para a acumulação do capital das classes dominantes. As elites sociais precisam implantar a reprodução em massa da espécie para criar a mão-de-obra de reserva e por isso proíbem e reprimem toda prática sexual que *desperdice* o sêmen só com prazer.

Com a diminuição da população, as pestes e a fome grassando e com a falta de braços para o trabalho da terra, o casamento e a reprodução foram incentivados. Assim, foram atacados três “crimes terríveis contra a natureza” que impediam a procriação: a sodomia, a masturbação e a

continência; nesta época considerava-se a masturbação e a continência como suscetíveis também de levarem à homossexualidade.

Neste período, o pecado de sodomia passa a ser identificado com a homossexualidade, embora ainda se confunda com uma outra série de pecados mais ou menos graves. Com santo Tomás de Aquino (...) ela tornou-se um crime e um pecado contra a natureza, logo, contra a própria criação divina. A relação entre pessoas do mesmo sexo alteraria a ordem natural do universo, colocando o homem no lugar da mulher e vice-versa, e impediria a procriação, que seria “o fim natural da sexualidade.”⁹

A *semente* foi dada por Deus, não para gozar, mas para se reproduzir e criar uma família. Família essa que gera, mantém e treina, com seu esforço e dinheiro, a mão-de-obra necessária ao aumento do capital das elites dominantes.

“Do ponto de vista geopolítico, generais e chefes de Estado europeus, na virada para o século XX, preocupavam-se com os índices de natalidade declinantes e, dessa forma, apoiavam o matrimônio e a instituição familiar como a célula reprodutora de braços dispostos ao trabalho e preparados para a guerra, motivo adicional para o aviltamento de práticas sexuais ameaçadoras dos laços e valores familiares. Além disso, nesse período já era bastante comum relacionar a existência de práticas sexuais tidas como pervertidas e a queda de impérios, como foi o caso de Roma. Por essas e outras razões, o treinamento militar buscava o desenvolvimento de uma raça de homens perfeitos em que o oposto seria a degenerescência e práticas libertinas indesejáveis.

“Nessa tarefa, conforme já mencionado, a medicina teve um papel importante, pois forneceu as categorias classificatórias de desviantes e pervertidos para aqueles homens que não seguiam a contento o ideal moderno de masculinidade. Não final do século XIX e início do século XX,

⁹ FILHO, Amílcar Torrão. *Tribades Galantes, Fanchonos Militantes*. São Paulo: Edições GLS. 2000. p. 120.

o culto à domesticidade da mulher já estava consagrado, e a psicanálise, com o seu triângulo edípico, reforçava todo um pensamento de senso comum que justificava o arranjo familiar no qual a figura do pai era algo superior e inatingível”.¹⁰

No Brasil surgiu essa reflexão representativa das preocupações das elites sociais com qualquer atividade que desperdiçasse o sêmen com prazer.

“Transcrevemos a seguir a versão catastrofista de Aldo Sinisgalli, em seu texto ‘Considerações gerais sobre o homossexualismo’, editado em 1938/1940, sobre as relações entre homossexualismo e a sociedade. É evidente que, antes dele e até os dias atuais, uma parcela enorme da população pensa da mesma forma:

“O homossexualismo é anti-social. O homossexualismo é a destruição da sociedade; é o enfraquecimento dos países.

“Compreende-se facilmente o prejuízo que traz à sociedade e às nações o desenvolvimento do homossexualismo, sabendo-se que os invertidos encontram a satisfação genésica com indivíduos do mesmo sexo, desprezando as mulheres.

“A maioria dos pederastas não se casa, não constitui família.

“A grande maioria deles é constituída por moços solteiros.

“Portanto o pederasta não contribui para o engrandecimento, para o desenvolvimento da sociedade e do país.

“Se o homossexualismo fosse regra o mundo acabaria em pouco tempo.”¹¹

¹⁰ OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A Construção Social da Masculinidade*, Belo Horizonte: Editora UFMG., 2004, p. 79.

¹¹ GREEN, James N. e POLITO, Ronald . *Frescos Trópicos*, Rio de Janeiro:. Editora José Olímpio., 2004, p. 101

A programação sexual (a partir da proibição das formas de sexo que não reproduzam a espécie) imposta à sociedade pelas elites sociais age psicologicamente. Ela instaura, nas pessoas mais fracas e impressionáveis, um pavor e vergonha irracionais de até pensarem na possibilidade de sentirem prazer sexual com o mesmo sexo. Alguns homens morrem de medo de desejar sexualmente outros e, o pior, de seus pais, amigos e vizinhos virem a saber que sentiram, alguma vez, vontade de experimentar esse tipo, segundo eles, de aberração e nojeira.

5 - Provas científicas de como atua psicologicamente a programação social da sexualidade para todos serem pais-de-família.

5.1 – Mesmo as irmãs sendo mulheres não se faz sexo com elas.

Repare que mesmo as irmãs sendo mulheres, o programado sexual também não as deseja e tem a impressão de que não sentiria nenhum prazer sexual com elas. Como psicologicamente tem a sensação que não deseja as irmãs, alguns também imaginam que não sentiriam desejos sexuais pelo mesmo sexo. No Egito Antigo sentia-se prazer com as irmãs porque era permitido. Hoje, se vivem na miséria, dormindo junto com elas e a programação sexual atuar pouco, ocorre sexo entre irmãos. Não existe nada, nem psicológico nem biológico, que impeça, a não ser a programação sexual da sociedade, de se fazer sexo com as irmãs. Os cães e outros animais fazem sexo com suas irmãs quando elas entram no cio. O sexo e o casamento entre irmãos é proibido porque os filhos podem nascer com defeitos e os legisladores acham imoral o que chamam de incesto.

Quer dizer, o programado é sexualmente todo *certinho*. Não faz nada sexualmente considerado errado pelos outros. São os vizinhos, parentes, amigos e até os estranhos que passam pelas ruas que ditam sua atividade sexual. É um teleguiado otário, portanto.

5.2 - Não é toda mulher que é objeto de desejo sexual do programado.

Além das irmãs, a programação também é seletiva quanto às mulheres que ele pode e é obrigado a fazer sexo sob pena de ser perseguido, discriminado e

ridicularizado. Não podem ser as mais velhas do que ele, porque vão também desperdiçar seu sêmen, porque não engravidarão. As muito novas, antes da primeira menstruação, também são proibidas, porque não geram filhos.

O programado sexual é amestrado para só fazer sexo com uma jovem, não parente próxima, se possível de menor estatura do que ele porque ela é o objeto ideal para a reprodução da espécie e jovem e forte o suficiente para cuidar da prole. Ele foi iludido pela ideologia sexual das classes dominantes e daí supõe que gosta do que está fazendo e é o que natureza quer. É um imbecil, portanto.

5.3 – Quando ainda não é programado sexualmente pela sociedade, natural e inocentemente, sem nenhuma maldade, vergonha ou arrependimento, o homem faz sexo com o mesmo sexo.

Quando criança, e a programação sexual ainda não rodou completamente na sua cabeça, os meninos, em geral, fazem sexo entre si e gostam, explicitando assim a estrutura biológica e a evolução da espécie humana. Entretanto, os mais sugestionáveis possuem a cabeça semelhante a um computador. Quando a programação para eles serem pais-de-família se instala e a sociedade através dos seus pais, vizinhos, colegas, pastores, papas etc. aperta o *enter* deixam de fazer sexo com outros meninos. Dirigem sua afetividade e desejos sexuais só para o objeto sexual permitido pela sociedade porque ficam aterrorizados e em pânico de serem ridicularizados se não o fizerem. O pavor que uma pessoa, fraca e impressionável, sente de ser ridicularizada é imenso. Por isso ela prefere frustrar-se e não experimentar nenhuma forma de sexo proibida a ser sistematicamente alvo de galhofas, perseguições e maus-tratos.

5.4 – Em outros povos, cuja a programação para se reproduzir foi menos violenta, o sexo entre homens foi mais freqüente, louvado e, muitas vezes, considerado superior.

Em outras épocas, como na Grécia Antiga, Roma e entre outros povos, ocorria muita atividade sexual entre pessoas do mesmo sexo porque a programação sexual não era judaico-cristã ou oriunda de crenças semelhantes. Assim sendo, permitia aflorar entre mais pessoas a característica evolutiva da nossa espécie que é sentir prazer com muitos objetos sexuais erotizados pela nossa imaginação e, com frequência, com o mesmo sexo.

5.5 - Cientistas confirmam a programação sexual humana.

Peter L. Berger é professor na Universidade de Boston e diretor do Instituto para o Estudo da Cultura na mesma Universidade e Thomas Luckmann é catedrático de sociologia na Universidade de Frankfurt e é autor, em parceria com Alfred Schultz, de *Strukturen der Lebenswelt*. Escreveram *A Construção Social da Realidade* no qual afirmam:

“A plasticidade do organismo humano e sua susceptibilidade às influências socialmente determinadas são melhor ilustradas pela documentação etnológica referente à sexualidade. Embora o homem possua impulsos sexuais comparáveis aos dos outros mamíferos superiores, a sexualidade humana caracteriza-se por um grau muito alto de flexibilidade. Não só é relativamente independente dos ritmos temporais, mas é flexível tanto no que diz respeito aos objetos a que se dirige quanto em suas modalidades de expressão. As provas etnológicas mostram que em questões sexuais o homem é capaz de quase tudo. (Mais adiante)

“Ao mesmo tempo, é claro, a sexualidade humana é dirigida, às vezes de maneira rigidamente estruturada, em cada cultura particular. Toda cultura tem uma configuração sexual distinta, com seus próprios padrões especializados de conduta sexual e seus pressupostos “antropológicos” na área sexual. A relatividade empírica dessas configurações, sua imensa variedade e exuberante inventividade indicam que são produtos das formações sócio-culturais próprias do homem e não de uma natureza humana biologicamente fixa.”

Mais adiante:

“A sociedade penetra também diretamente no organismo no que diz respeito ao funcionamento deste, principalmente quanto à sexualidade e à nutrição. Embora ambas sejam fundadas em impulsos biológicos, estes impulsos são extremamente plásticos no animal humano. O homem é compelido pela constituição biológica a procurar satisfação sexual e o alimento. Mas sua constituição biológica não lhe diz *onde* deverá procurar a satisfação sexual e o *que* deverá comer. Abandonado a si mesmo, o homem pode ligar-se sexualmente a aproximadamente qualquer objeto e é perfeitamente capaz de comer coisas que o matarão. A sexualidade e a nutrição estão canalizadas em direções específicas, mais socialmente do que biologicamente, canalização que não somente impõe limites a estas atividades mas afeta diretamente as funções orgânicas. Assim, o indivíduo socializado com pleno sucesso é incapaz de funcionar socialmente com o objeto sexual “impróprio” e vomita quando se depara com o alimento “impróprio”. Como vimos, a canalização social da atividade é a essência da institucionalização, que é o fundamento da construção social da realidade. Pode dizer-se então que a realidade social determina não somente a atividade e a consciência mas, em grau considerável, o funcionamento orgânico. Assim, funções biológicas tão intrínsecas quanto o orgasmo e a digestão são socialmente estruturadas. A sociedade também determina a maneira pela qual o organismo é usado na atividade. A expressividade, o modo de andar e os gestos são socialmente estruturados.”¹² (Grifos do autor).

¹² BERGER, Peter L e LUCKMANN, Thomas, *A Construção Social da Realidade*, Petrópolis, Editora Vozes.1999, p. 72, 73. Mais adiante, p. 238 e 239.

A ciência já provou que sociedades que não precisam aumentar sua população são tolerantes com o sexo entre pessoas do mesmo sexo.

As que precisam aumentar ou manter um grande contingente de mão-de-obra de reserva são intolerantes. As pessoas mais fracas, com medo de serem reprimidas e ridicularizadas não praticam o que é sexualmente proibido nas sociedades em que vivem.

6 - Portanto é lógico se concluir que só existem os que são programados para se reproduzir e os não-programados.

Os não-programados são aqueles mais perspicazes, dotados de uma personalidade mais forte, que percebem que querem lhe iludir para que não descubram que todos os homens, se tentarem, sentirão prazer com o mesmo sexo. É impossível se masturbarem reciprocamente e não ejacular. Qualquer homem sente prazer ao ser chupado, masturbado ou acariciado por outro que ache bonito. Os que dizem que não, estão sendo hipócritas. Foi por isso que gregos, romanos e japoneses da Idade Média, faziam sexo com os efebos. É ridículo o receio que alguns palhaços têm de admitir, hoje, a beleza de outros homens quando todo mundo está vendo que eles são, de fato, bonitos.

7 - Em Esparta e em outros povos anteriores ou geograficamente distantes do judaísmo e crenças religiosas semelhantes, os homens da nobreza militar achavam ser o sexo entre eles superior, e a amizade e o companheirismo decorrentes dessa prática um fator importante de crescimento e amadurecimento pessoal.

Em Roma, quem tinha poder fazia sexo com o mesmo sexo. Para o nobre romano, era uma forma inocente de sentir prazer semelhante a uma taça de vinho ou um frango assado. Não havia razão para não penetrar o escravo que lhe servia ou lhe dava banho ou fazer amor com os jovens bonitos que apareciam nos seus banquetes. Foram os judeus e os povos como os muçulmanos, que para não serem escravizados, precisavam aumentar sua população, proibindo toda atividade sexual que não reproduzisse a espécie.

"O tabu anti-homossexual que marcou nossa civilização ocidental seria de origem hebraica. Os antigos hebreus foram o primeiro povo na história a condenar a homossexualidade." ¹³

Segundo Marc Daniel e Andre Baudry, autores do livro *Os Homossexuais*, a proibição do sexo entre homens teve maior ênfase entre os hebreus no século VI a.C. que é a época do exílio na Babilônia. Tudo indica que precisavam resguardar os costumes nacionais em oposição aos hábitos dos conquistadores estrangeiros, assim como, manter o aumento da população para fazer frente a inimigos poderosos.

Luiz Ângelo Dourado também escreveu:

"A luta enérgica contra o homossexualismo começou com o judaísmo. O monoteísmo desenvolveu o monossexualismo. Além das razões religiosas, os judeus orientaram a questão sexual no sentido da procriação e enriquecimento em número da humanidade condenando formalmente o vício helênico. O texto bíblico é claro, em sua reprovação ao homossexualismo e o fogo divino foi a pena imposta a Sodoma e Gomorra.

"A Igreja Católica, impossibilitada de coibir a pederastia com recursos espirituais, decidiu-se, no ano 342, a puni-la criminalmente. Desencadearam impiedosas perseguições. O homossexualismo tornou-se execrado vício, castigado com as masmorras e as penas eternas do inferno. Em plena Idade Moderna ainda continuava-se a queimar vivos, em vários países, os réus do então chamado 'pecado nefando'." ¹⁴

Nós sofremos a influência da ideologia sexual judaico-cristã e por isso achamos uma coisa do outro mundo e um escândalo, um homem sentir prazer sexual com outro. Daí, na nossa cultura, quem fez isto virou primeiro sodomita, nome que foi inventado pelos judeus, depois homossexual, gay, veado, bicha, para que, apelidado, apontado como monstro e discriminado, deixe de praticar a *sodomia*, *veadagem*,

¹³ MIELI, Mário. *Homosexuality and Liberation..* Londres: Gay Men Press, 1980, p. 77.

¹⁴ DOURADO, Luiz Angelo. *Homossexualismo e Delinqüência*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1970, p 17 – 18.

perversão, inversão, desvio sexual, doença, aberração, nojeira e, principalmente, não *corrompa* nem sirva de exemplo para os outros.

Entretanto no *Hagakure*, que é o livro sobre as normas de comportamento dos samurais, está escrito:

“Um jovem deveria experimentar um homem mais velho por pelo menos cinco anos e, se estiver seguro das intenções daquela pessoa, deveria então exigir um relacionamento sério. Se o outro for volúvel, ele não entrará profundamente no relacionamento e mais tarde, abandonará seu amante.

“A natureza da relação pode ser determinada apenas se eles forem capazes de se ajudar mutuamente e devotar sua vida um ao outro. Se um dos parceiros for desonesto, o outro deveria dizer que existem empecilhos na relação e rompê-la com firmeza. Se surgir uma dúvida a respeito de quais são esses empecilhos, a pessoa deve afirmar que nunca falará sobre isso em sua vida. Se o outro continuar insistindo no assunto, a pessoa deve demonstrar irritação. (...)”

“Além disso, o homem mais velho deveria avaliar as intenções do jovem de maneira já mencionada. Se o jovem for capaz de se dedicar plenamente e ficar nessa situação durante cinco ou seis anos, então ele será adequado.

“Acima de tudo, a pessoa não deve dividir seu próprio caminho em dois. Devemos nos dedicar plenamente ao Caminho do Samurai.”¹⁵

Mais algumas considerações

1 – Entre seres humanos, o sexo com o mesmo sexo provoca muito prazer e essa é a única razão de ele existir. Por isso, exige repetição e, no bom sentido, vicia, isto é, torna-se um hábito freqüente e muitas vezes exclusivo. Todas as tentativas de explicá-lo de outra maneira não foram confirmadas, de fato, pela ciência.

“Diz-se que perguntaram ao poeta¹⁶ por que escrevia versos para rapazes e não para os deuses, ele replicou: “Mas os rapazes são meus deuses”.

“Outros poetas da época, escrevendo numa veia semelhante, são Alceu, Teógnis, Íbico e Píndaro. Fica claro de seu trabalho que os gregos amavam a beleza juvenil, e que essa beleza era também a da mente, do intelecto e do espírito. O poeta é o professor/mestre, o companheiro apaixonado que guia seu bem-amado no caminho da honra e da virtude. O relacionamento não é apenas sexual; na verdade, se ele se torna uma questão de luxúria e somente luxúria, então o poeta recrimina esse barbarismo. Nem estava o ensinamento sempre num plano tão elevado: o mestre ensinava ao seu amado os caminhos do mundo grego e como se comportar em sociedade. A etiqueta era muito importante, assim como a idéia de moderação, já que o prazer não deve governar a vida. Em tudo isso, está claro que o amor homossexual era considerado muito superior ao amor heterossexual.”¹⁷

O desespero das elites sociais com esse fato é grande. Com o surgimento da ciência, financiaram equivocados ou mal-intencionados para sugerir que quem faz sexo com o mesmo sexo tem algo diferente dentro de si, no corpo ou na alma. Isso significa dizer que as nádegas ou a boca de um jovem bonito, maior de 18 anos, não dariam nenhum prazer a um homem considerado heterossexual (essa palavra só foi inventada em 1868). Precisa-se ser muito ingênuo ou hipócrita para se acreditar nisso. Supor que, se um jovem, maior de 18 anos, chupar ou masturbar outro, ele não goza. É impossível. Não é preciso ele ter nenhuma diferença genética, nem psicológica ou endocrinológica no seu pré-natal para chegar ao orgasmo se outro homem lhe acariciar o pênis. Ele sentirá muito prazer porque associará a beleza do rapaz aos movimentos mecânicos das carícias no seu órgão genital. Com o tempo é possível, e

¹⁵ TSUNETOMO, Yamamoto. *Hagakure O Livro do Samurai*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004, p. 78.

¹⁶ Refere-se a Anacreonte nascido em torno de 570 a.C na ilha de Teos.

¹⁷ SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma História*. Rio de Janeiro. Editora Record, 1995, p. 44.

ocorre com frequência, que os prazeres sexuais com o mesmo sexo despertem mais exigências de satisfação carnal e até sentimental. Ele então passará a acariciar o corpo do parceiro, muitas vezes chegando a todo tipo de carícia, e, algumas vezes, amá-lo. Enfim, vencerá suas próprias barreiras impulsionado pelo desejo de extrair mais sensações desse contato erótico que descobriu e *entendeu* que é muito prazeroso. Aí então, essa forma de sentir prazer torna-se preferencial. É um equívoco, para não dizer, uma imbecilidade, afirmar que ele sente essas sensações eróticas porque os seus hormônios pré-natais foram alterados, possui genes responsáveis por isso ou é complexo de Édipo não- resolvido e outras tolices. Recentemente, alguns chegaram a dizer que um homem que faz sexo com outro tem os dedos ou as mãos diferentes dos outros homens. Claro que nenhuma dessas suposições foi provada. Toda vez que outros cientistas investigam o que eles publicaram, não o confirmam e mostram que ocorreram sérios equívocos no que imaginaram. O que os equivocados e mal-intencionados insistentemente querem sugerir é que um indivíduo que goza sendo chupado ou fazendo qualquer outra coisa com o mesmo sexo não o faz por prazer, mas porque, supostamente, sofre de uma perversão, inversão, desvio sexual. É, portanto, um anormal, um degenerado, pervertido, invertido. Entretanto, a realidade é outra. É muito raro existir um homem que, em algum momento de sua vida, não tenha tido prazer sexual com o mesmo sexo ou não tenha desejado outro homem. Isto é, nunca tenha achado um homem bonito nem entre os seus conhecidos, em fotografias ou nos atores de cinema ou televisão. Ele sufoca seus próprios pensamentos a respeito da percepção desses desejos, pelo medo até de pensar onde poderia ir se deixasse que esse tipo de perspectiva erótica chegasse às últimas conseqüências. Levado pelo medo, ele vai ser sugestionado pela pressão social para, moralmente, achar uma anormalidade, uma aberração nojenta, dois homens fazerem sexo entre si. Jamais se permite achar outro homem bonito porque desconfia que esse é um primeiro passo para desejá-lo. Por isso cria uma barreira supostamente moral, mas, na realidade, ideológica, para não deixar esse tipo de desejo nem ser percebido. A ideologia natalista lhe convenceu que esse é o maior pecado que um homem pode cometer. Muito pior do que matar ou roubar. Devido à repressão, automaticamente ele

costuma camuflar o desejo em amizade, companheirismo, porque jamais teria coragem de se ver praticando ou propor ao outro semelhante *descaração*.

Encarar o sexo com o mesmo sexo como resultado das características evolutivas da espécie humana e não de idiossincrasias do indivíduo rompe com a maneira ideológica de explicar os gostos sexuais humanos. A individualização da preferência sexual é um equívoco epistemológico grave. Vai isolar e acentuar, no indivíduo, uma característica natural da sua espécie como se fosse só dele. Essa miopia na descrição do objeto a ser pesquisado (a preferência sexual nos seres humanos) transforma uma maneira de ser da espécie em uma característica individual. E, então, a partir desse equívoco, fica procurando uma causa, que não existe, para explicá-lo. O homem acaricia outro procurando ter prazer sexual, desde a pré-história, porque sabe que gozará. E ele faz isso porque é uma característica, uma tendência da sua espécie fazê-lo e não só dele.

Portanto, é impossível estabelecer como objeto de pesquisa científica quem faz sexo com o mesmo sexo. Não existe um método, cientificamente confiável, para se identificar quem faz sexo com o mesmo sexo ou quem não faz. Não se pode simplesmente aceitar o que a pessoa diz a respeito de seus hábitos sexuais porque nem sempre ela mesma tem total consciência de todos os desejos que tem ou vai ter. Essas suposições sobre o que poderia levar um homem a fazer sexo com outro ignoram fantasias, sexo ocasional e os motivos de não repetição de contatos sexuais prazerosos entre pessoas do mesmo sexo. São simplistas e superficiais a respeito das circunstâncias, práticas e sentimentos que acompanham a sexualidade humana.

Transformar o comportamento de um grupo de pessoas em eterno objeto de pesquisa para se saber qual sua causa, como se fosse uma doença maligna que provoca muita dor, tristeza e prejuízos a terceiros, é estigmatizá-lo. Não é possível citar todas as suposições de porquê os homens fazem sexo com outros porque são muitas e a todo momento surgem novas teorias. Surgirão muitas mais do que as que existem porque, além de servirem como uma ideologia repressiva às liberdades sexuais, elas dão dinheiro ou prestígio e notoriedade a quem as faz. Daí é natural que atraiam não só pessoas de formação conservadora, mas também oportunistas e trapaceiros de todos os tipos.

Esse tipo de preconceito travestido de ciência sempre foi implacável em perseguir, junto com a religião, a polícia e os juízes, o sexo com o mesmo sexo.

Os sodomitas foram transformados, por eles, em degenerados, invertidos, pervertidos, pederastas, homossexuais e criminosos. Foram processados, trancafiados, trucidados, obrigados a se matar quando descobertos em cargos importantes do exército ou governo, em um holocausto silencioso cujas vítimas, em grande parte, tinham vergonha do que faziam. Foram obrigados a introjetar a literatura pseudocientífica dos médicos que o chamavam de pederastas passivos, sexualmente desviados da normalidade, merecedores de punições severas como internamentos em manicômios ou prisões. Foram amordaçados pela vergonha e alienados pela virulência de uma ideologia homofóbica a serviço dos interesses das elites dominantes. Poucas foram as populações humanas tão massacradas e violentadas, fisicamente e na sua subjetividade, com tamanha brutalidade, como aqueles que faziam sexo com o mesmo sexo. Muitos desses médicos, delegados, policiais, juízes, que promoveram esse massacre, eram corruptos, quase sempre conservadores e, a partir de 1920 e 1930, apoiaram ditaduras fascistas, a eugenia, políticas higienistas que levaram ao nazismo. Esses canalhas foram responsáveis por espalhar, durante mais de um século, injúrias, ódio e perseguição a todos aqueles que fizessem sexo com o mesmo sexo. Criaram, nos mais ingênuos, pobres e ignorantes, uma má consciência que os fez sofrer, enquanto viveram, acreditando-se doentes, degenerados, anormais, pervertidos, diferentes dos outros seres humanos por fazerem sexo com o mesmo sexo.

Uma das funções da ideologia, para dominar os miseráveis que quer explorar ou reprimir, é destruir neles qualquer possibilidade de se acharem iguais aos outros ou terem orgulho do que fazem. Os repressores acham uma ousadia os perseguidos e estigmatizados por eles se considerarem belos, felizes, amarem e serem amados como os outros seres humanos. Fazem tudo para os convencer de que são inferiores, feios, anormais, degenerados e ridículos em tudo que fazem. A grande estratégia da repressão é horrorizar, a tal ponto, as pessoas, em relação ao sexo com o mesmo sexo, que elas sintam uma imensa vergonha ou desgosto quando não resistem e fazem o que eles proíbem. Por isso é muito importante que não se sinta vergonha do que se faz e,

se for conveniente, não sentir vergonha de revelar, aos outros, o que se sente e se gosta.

No livro *Frescos Trópicos*, James N. Green e Ronald Polito descrevem a metodologia de pesquisa aplicada por esses médicos equivocados ou mal-intencionados para estudar o que chamavam de homossexualismo ou pederastas passivos. O livro se refere à primeira metade do século XX.

“Os médicos tinham conceitos sobre o que era normal ou anormal, que os orientavam para caracterizar o homossexualismo como doença ou não. Tentavam discriminar os homossexuais como passivos, ativos ou mistos e procuravam também causas para explicar a existência de homens assim, fossem hereditárias, psicanalíticas, biotipológicas ou endocrinológicas. É extensa a aproximação entre médicos e aparato jurídico-policial, cabendo à polícia capturar homossexuais considerados delinqüentes e entregá-los a pesquisadores do campo da medicina para “estudos”. Uma vez apanhados pela lei, os homossexuais teriam dois destinos distintos, mas idênticos do ponto de vista do seu resultado: o confinamento.”¹⁸

É impossível não perceber a semelhança do comportamento desses médicos com os dos nazistas nos campos de concentração.

Hoje, a ciência diz que não temos estro e possuímos um grande desenvolvimento do córtex cerebral. Entretanto, como já vimos, povos anteriores a nós, como os gregos, romanos, os japoneses na Idade Média, entre os quais os samurais, que não tinham esse conhecimento que temos hoje, pensavam da mesma maneira que pensamos atualmente. Porque tinham poder, praticavam com frequência o sexo com o mesmo sexo. Para eles era um direito da nobreza guerreira, jamais uma vergonha. Assim, faziam porque não lhes importava muito o que dava prazer (o objeto), o importante era ele ser considerado belo pelo amante, quer dizer: possuir

¹⁸ GREEN, James N. e POLITO, Ronald, Op. Cit., p. 21.

formas físicas e características morais (beleza interior) que provocassem paixão, desejo, orgasmos. A nossa cultura, herdeira da religião judaica e cristã, é que inverteu este fato. Para o judaísmo e religiões semelhantes, como o cristianismo e o islamismo, o importante não é o prazer sexual justificado por si mesmo, nem a beleza do objeto amado, mas que tipo de objeto que o provoca. O indivíduo passa a ser definido pelo objeto que lhe proporciona prazer sexual e não pela sua capacidade de amar.

(Outro equívoco grave das pesquisas sobre a sexualidade humana é não terem percebido essa inversão da ênfase do sujeito para o objeto no desencadear do prazer sexual, efetuada na passagem do pensamento clássico para o medieval.)

Os guerreiros e a nobreza descobriram que o que importa é o prazer e não o objeto que o provoca. Eles perceberam a obviedade que o sexo e o amor, às vezes entre um guerreiro e um efebo, outras vezes entre dois guerreiros, davam um imenso prazer. Como eram da nobreza e, portanto, tinham poder, não viam nenhuma razão para deixar de desfrutar esse tipo de satisfação sexual sugerida e provocada, repito, pelas características biológicas e evolutivas da nossa espécie. Quando esses guerreiros uniam afeição e companheirismo militar ao prazer sexual entre eles, achavam ser, o amor entre dois homens, uma forma superior de amar. Esse comportamento, que unia nobreza, masculinidade plena e sexo com o mesmo sexo, foi observado em muitos povos, até como ritos de passagem masculinos. As nádegas e as bocas de jovens, maiores de 18 anos, sempre foram petiscos sexuais para qualquer homem em todos os povos e épocas.

O sexo entre homens só passou a provocar vergonha em quem o fazia quando os judeus, porque queriam aumentar sua população para não serem escravizados, inventaram o mito de Sodoma e a identidade de sodomita, demonizado como pecador. A mitologia judaica tornou-se influente no mundo quando o cristianismo participou do poder a partir de Constantino, no Império Romano. Na Idade Média, os cristãos perseguiram e queimaram nas fogueiras os sodomitas, repetindo com eles o que os romanos haviam feito com os próprios cristãos após a morte de Cristo. Depois, os médicos do século XIX e até meados do século XX, influenciados pelas teorias sexuais da cultura medieval judaico-cristã, disseram que quem não era pai-de-família era

invertido e sofria de um desvio sexual. E ainda hoje há alguns deles dizendo que se um sujeito gozar sendo chupado por um rapaz bonito deve ter alguma alteração genética.

Resumo

O espartano é resultado de 4 descobertas:

Primeira descoberta: a nossa espécie tem uma tendência muito grande a fazer sexo com o mesmo sexo. É resultado de sua evolução. Portanto, sentir prazer sexual com o mesmo sexo é uma característica da nossa espécie e não de pessoas individualmente, supostamente diferentes das outras como, durante séculos, tentaram nos impingir. Ocorre porque não temos estro (cio) e possuímos um córtex cerebral muito desenvolvido, que nos dotou de muita imaginação. Esses dois fatos biológicos nos deixam predispostos a fazer sexo com muitas coisas que estão à nossa volta (nossas mãos, animais, alguns vegetais, objetos) e o mesmo sexo, porque nascemos indeterminados sexualmente. Quando somos crianças e, portanto, inocentes, a única coisa que sentimos, é que é gostoso gozar. Porque somos diferentes dos animais que têm estro não sabemos com o quê devemos gozar. Aos poucos é que vamos descobrindo várias maneiras de conseguir o gozo sexual e terminamos por perceber que o mesmo sexo também serve e dá muito prazer. Por isso, para quem o descobre e não tem medo de praticá-lo, facilmente torna-se uma preferência predominante. Entretanto esses fatos ocorrem quando ainda não se sofreu nenhuma programação sexual feita pela sociedade. O homem não nasce sabendo que uma jovem, não parente próxima, alguns anos mais nova e, se possível de menor estatura, é o único objeto sexual considerado correto, pelas classes dominantes da sociedade, para ele chegar ao orgasmo. Vai saber isso depois. Não tendo estro, esse tipo de mulher é uma possibilidade, entre muitas outras, de sentir prazer sexual e nem sempre, a depender de suas experiências e imaginação, a melhor. Não tarda, entretanto, perceber que só ela é permitida para ele fazer sexo. E, não é só isso. Ele vai ser obrigado a gostar de fazer sexo com ela. Todos, ansiosamente, lhe cobram que só faça sexo com mulheres. Desde o Papa, pastores, vizinhos, pais e familiares, colegas, o presidente da república

até cientistas, terapeutas e anônimos transeuntes. Todos lhe pressionam para ele *gostar de mulher*. Na visão ingênua e equivocada deles o homem nasceu para gostar só de mulher e quem gosta de outra coisa é porque tem algum problema ou é sem-vergonha. Eles imaginam que é natural o homem nascer para gostar de mulher, mas não confiam no que dizem. Se ele não obedecer essa suposta *naturalidade* é castigado e sofre a execração pública. No Brasil, se transformará em uma coisa que todos aprenderam a ter pavor de ser: veado. Esse é o maior bicho-papão do homem criado pela ideologia repressiva dos desejos sexuais para o transformar em uma marionete sexual das elites sociais. Então, apavorado de ser até suspeito de ser veado, vai se esforçar para se enquadrar sexualmente no que elas querem e jamais fazer o que as elites sociais proíbem. Para o espartano, o programado sexual não passa de um otário. Um palhaço que se alienou da própria realidade sexual da sua espécie.

Segunda descoberta: as elites sociais, que precisam de muita gente para trabalhar nas suas propriedades para acumular capital, proíbem ou não incentivam nenhum tipo de atividade erótica que, *desperdiçando* o sêmen, não reproduza a espécie. Portanto, criam uma série de mentiras para meter medo, pressionar e, assim, programar sexualmente os mais tolos, burros e medrosos, para que eles não descubram esse segredo de nossa espécie: no ser humano o sexo com o mesmo sexo dá um imenso prazer. E, assim, forçam a maioria a tornar-se pai-de-família para fornecer a mão-de-obra, criada e educada, para o trabalho semi-escravo. Para isso precisam fazer o programado acreditar que gosta de fazer isso e é o que a natureza, Deus, Papai Noel, Superman, Homem Aranha, Peter Pan, Branca de Neve querem dele. Ele toma pavor de sentir prazer sexual de outra maneira, porque espertalhões, para forçá-lo a se reproduzir e criar a prole, lhe meteram na cabeça que é pecado, anormalidade, perversão, desvio sexual, inversão, *nojeira*, alteração genética, dos hormônios pré-natais ou do complexo de Édipo não-resolvido e outras mentiras. Interessa às classes dominantes que ocorra a reprodução em massa da espécie para elas acumularem capital. Só que a evolução sugere, por isso não nos dotou de estro e nos deu muitas opções de gozo sexual, que o melhor para nossa espécie é a reprodução ocasional. Desse conflito, entre a nossa estrutura biológica e os interesses

econômicos e políticos das classes dominantes, surgiu a repressão à sexualidade humana.

Terceira descoberta: o espartano descobriu que o sexo com o qual ele se identifica é entre homens. Não é entre um homem e outro que imita mulheres ou dois andróginos, porque vira outra coisa que não é mais sexo com o mesmo sexo, mas uma imitação do sexo reprodutivo ou entre duas mulheres. O fato que lhe dá mais prazer é os dois serem absolutamente másculos. Entretanto, não discrimina quem quer virar mulher, seja em que grau for de efeminação. Defende o direito de cada um ser como quiser. Mas nem todas as pessoas pensam da mesma maneira, portanto, não têm a mesma identidade. O espartano quer ser conhecido como espartano e ser representado por espartanos. Não se sente gay, homossexual, veado, travesti, transexual. Acha que todos esses nomes nem lhe descrevem nem lhe definem. Portanto, nada têm a ver com ele.

Quarta descoberta: compreendendo que não precisa ser expropriado de sua masculinidade para dar vazão a essa característica sexual da nossa espécie, que é sentir muito prazer com o mesmo sexo, descobriu que muitos guerreiros, ao longo da história, fizeram com frequência sexo entre si. Eles eram de povos que não foram influenciados por ideologias repressivas da sexualidade como o judaísmo, o cristianismo, o islamismo e outras semelhantes. Era muito comum ocorrer sexo com o mesmos sexo entre os gregos, romanos, samurais, índios de várias tribos e até piratas. O espartano identifica-se com eles. Daí descobriu que, se seguir o que esses guerreiros recomendavam como estilo de vida, treinar para ser subjetivamente forte, perspicaz e praticar sua ética (eles deixaram livros sobre normas de comportamento), viverá melhor. Encontrou assim o seu *bushido* (o caminho do guerreiro). Baseado nessas descobertas, criou um nome para ser identificado por ter chegado a esse estado avançado de consciência da realidade que o faz diferente dos outros e, portanto, possuidor de uma nova identidade: espartano. Transformou essas descobertas em uma filosofia de desenvolvimento pessoal, que ele chama de tradição espartana.

